

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

***Dossiê: A história dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres no Brasil:
percursos de resistências***

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

Edição eletrônica

DOI: DOI 10.5335/srph.v22i1.13816

ISSN: 2763-8804

A condição feminina na família moderna:

casamento, maternidade, sexualidade e medicina na imprensa carioca durante a primeira metade do século XX

Vívian Marcello Ferreira Caetano¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN ACCESS

Referência

CAETANO, Vívian Marcello Ferreira. A condição feminina na família moderna: casamento, maternidade, sexualidade e medicina na imprensa carioca durante a primeira metade do século XX. *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 22, n. 1, p.63-75, jan/abr 2023.

Recebido em: 02/09/2022 | Aprovado em: 28/02/2023 | Publicado em: 20/03/23

¹Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014), mestrado em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGHS (2016) e doutorado em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGHS (2021). Tem pesquisas na área de História, com ênfase em História do Brasil, nos Estudos de Gênero, História da Imprensa e Direito feminino, atuando principalmente nos seguintes temas: relações de gênero, rio de janeiro, história das mulheres, condição feminina e feminismo

**A condição feminina na família moderna:
casamento, maternidade, sexualidade e medicina na imprensa carioca durante a primeira
metade do século XX**

Resumo: O propósito deste artigo é o de analisar as posições das três revistas, Careta, Fon-Fon e O Malho, acerca do papel da mulher em um ideal de família moderna, sendo filha, esposa ou mãe. Deseja-se compreender as novas formas do patriarcado no Brasil republicano e como isto afetava o comportamento feminino, seu cotidiano nas famílias, nas relações sociais e de poder nos espaços privados e públicos neste período de mudanças aceleradas. Período no qual, inclusive, pensadores progressistas e conservadores debatiam e buscavam determinar as condições de vida da mulher, sua participação social, e, mais especificamente, seu comportamento sexual, diretamente relacionado à honra.

Palavras-chave: Relações de gênero. Imprensa. Sexualidade feminina.

**The female condition in the modern family:
marriage, motherhood, sexuality and medicine in the carioca press during the first half of the
20th century.**

Abstract: The aim of this article is to analyze the standpoint of three magazines: Careta, Fon-Fon and O Malho, about woman's rule in the modern family's ideal, being daughter, wife or mother. The article craves the comprehension of new forms of the patriarchy in the republican Brazil and how it affects the female behavior, their family daily lives, their social relationships and their power in private and public spaces in this racing changes period. Period in which liberal and traditionalist thinkers debated and sought to determine women's life conditions, their social involvement, and, more specifically, their sexual behavior, directly related to honor.

Keywords: Gender relations. Press. Female sexuality.

**La condición femenina en la familia moderna:
matrimonio, maternidad, sexualidad y medicina en la prensa carioca durante la primera
mitad del siglo XX.**

Resumen

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las posiciones de tres revistas, Careta, Fon-Fon y O Malho, sobre el papel de la mujer en un ideal de familia moderna como la hija, la esposa o la madre. Proponemos comprender las nuevas formas del patriarcado en el Brasil republicano y como él ha afectado el comportamiento femenino, su cotidiano en las familias, en las relaciones sociales y del poder en los espacios privados y públicos, en ese periodo de acelerados cambios. Periodo en el cual, incluso, pensadores progresistas y conservadores han debatido y han buscado determinar las condiciones de vida de la mujer, su participación social y, más específicamente, su comportamiento sexual, directamente relacionado con el honor.

Palabras clave: Relaciones de género. Prensa. Sexualidad femenina.

Neste artigo, procuramos compreender as posições de três revistas que utilizaremos como fontes e objetos, são elas: *Careta*, *Fon-Fon* e *O Malho*. Decidimos por elas por serem, importantes publicações cariocas na primeira metade do século XX, e que nos ajudarão a compreender acerca da condição feminina em um ideal de família moderna. Para melhor entender essas revistas, é importante saber quem são seus organizadores: A revista *Fon-Fon* circulou de 1908 a 1958, sendo integrada pelos simbolistas Lima Campos, Gonzaga Duque e Mário Pederneiras até 1914. Posteriormente, foi dirigida por Álvaro Moreyra e Hermes Fontes. A *Careta* existiu entre 1908 e 1960, sendo dirigida pelo jornalista e empresário Jorge Schmidt, que exerceu a sua direção até 1935, ano de seu falecimento¹. Logo depois, seu filho, Roberto Schmidt, entrou no comando e permaneceu até 1960. Por último, a revista *O Malho*, que foi fundada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva e por Crispim do Amaral, caricaturista francês, sendo inaugurada em 1902 e durando até 1953.

Estas revistas eram consumidas por homens e mulheres majoritariamente da classe dominante, mas seus discursos traziam muitos aspectos que objetivavam moldar o comportamento feminino independente da classe ou etnia. Além disso, tratava-se de homens dizendo às mulheres como elas deveriam se comportar. Portanto, entendemos que essas revistas ilustradas, perpassadas pelo patriarcalismo, colaboravam para o fortalecimento das divisões dos papéis de gênero. Logo, as mulheres eram as mais pressionadas a se casarem, e depois de casadas continuavam sendo cobradas pela durabilidade e felicidade conjugal.

É difícil medir o impacto que estas revistas tiveram sobre as mulheres, mas podemos supor que devido às altas tiragens, elas alcançaram um bom público leitor. Possivelmente, muitas delas, ansiosas com as mudanças que ocorriam no período, absorviam muitos dos posicionamentos dos periódicos e consolidavam a partir deles as suas próprias opiniões. Sendo assim, segundo afirma Susan K. Besse, as revistas orientavam as mulheres que:

(..) em primeiro lugar deveriam demonstrar que o único caminho para a verdadeira felicidade e realização pessoal encontrava-se no cultivo permanente do papel de esposa virtuosa. Em segundo lugar, instruía-as sobre o modo de cumprir melhor sua missão de preservar a estabilidade familiar e social, de criar forças de trabalho produtiva e de promover a prosperidade doméstica e nacional (BESSE, 1999, p. 78).

Ou seja, a mulher foi conquistando o espaço público ao mesmo tempo em que se fortalecia a ideia de uma função natural feminina caracterizada por ser mãe, esposa e dona

¹ Depois do falecimento de Jorge Schmidt, seu filho, Roberto Schmidt assumiu o papel de editor proprietário. Roberto exerceu essa função até seu falecimento em 1960, quando, por falta de investimentos e orientação intelectual, a revista acabou saindo de circulação.

de casa. Estas revistas exigiam das mulheres sacrifícios que não eram destinados aos homens. Muitas leitoras seguiam os conselhos práticos nelas expostos para alcançar as exigências da sociedade que, segundo Jeni Vaitsman, passava por um processo de modernização patriarcal. Para a autora, “a modernização no plano da subjetividade e da família seria muitas vezes apenas aparente, com a persistência de elementos tradicionais coexistindo com comportamentos aparentemente modernos” (VAITSMAN, 1994, p.14.)

A renovação do casamento na modernidade e a manutenção do controle da sexualidade feminina

A valorização do casamento se tornava necessária para a realização destas novas formas do patriarcalismo. Desta forma, imprensa, classe dominante, Estado e Igreja entendiam que o triunfo da “civilização e do progresso” na esfera pública dependia da “salvação” da família. Para Susan K. Besse, eles tinham o objetivo de:

(...) transformar a sociedade oligárquica “anacrônica” que, continuara a existir dentro de um país burguês moderno, próspero e ordeiro. Grande parte de sua atenção concentrava-se no fortalecimento das famílias de classe média e alta, uma vez que as mulheres dessas classes eram mais desabridas no ataque ao casamento e uma vez que eram essas classes que estabeleciam as normas da sociedade (BESSE, 1999, p. 63-64).

Mas, as mulheres, principalmente as mais jovens que viviam com mais intensidade as mudanças do período, começavam a agir de maneira diferente dos padrões exigidos e valorizados no século anterior, usando roupas leves para passeios nas praias, para a realização de esportes ou mesmo para dançar. Para a autora, o século XX inventou o “(...) corpo novo e exibido. Mas também, um corpo íntimo e sexuado que, lentamente, veria afrouxar as disciplinas do passado em benefício do prazer” (DEL PRIORE, 2011, 106) Porém, acreditamos que seria um prazer comedido, controlado e vigiado.

Isto porque os pais estavam perdendo cada vez mais o controle das escolhas de casamento dos seus filhos e filhas e os maridos se encontravam temerosos com a perda de controle também sobre suas esposas. Afinal, mesmo com todo o esforço para se manter o patriarcalismo no Código Civil de 1916, apesar da recusa ao divórcio, o desquite foi permitido por lei. A possibilidade do desquite, as discussões sobre o divórcio, o amor romântico e a liberdade do corpo feminino, enfraqueciam a visão patriarcal de propriedade e domínio sobre a mulher. Portanto, a fim de combater estas ameaças, reformadores começaram a pensar como adaptar a manutenção do casamento, do controle do corpo feminino e dos papéis sexistas, com as mudanças vindas no novo século. Como afirma Michelle Perrot, o corpo feminino era “objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se

cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor é a própria marca da feminilidade” (PERROT, 2003, p. 13). Foi em meio a esta relação entre liberdade e censura, tradição e modernidade que viviam as mulheres da primeira metade do século XX.

Neste sentido, a imprensa ficava responsável por disseminar essas normas “modernas” a fim de obter aceitação por meio da indução feita de várias formas e uma delas eram as charges sobre matrimônio e vida conjugal. As charges transmitem sua mensagem através de uma forma de comunicação visual, não verbal, muitas vezes simbólica, as charges provocam reações imediatas para os leitores que reconhecem nelas a crítica política ou social. As charges, por vezes, podem ser tendenciosas, podendo também apresentar múltiplas interpretações, já que muitas, não contém um texto explicativo, que por muitas vezes pode substituir o próprio texto. Nas charges selecionadas abaixo, notamos uma padronização em torno de como esses temas eram entendidos entre homens e mulheres. Vejamos uma charge da Fon-Fon, em 15 de maio de 1909:

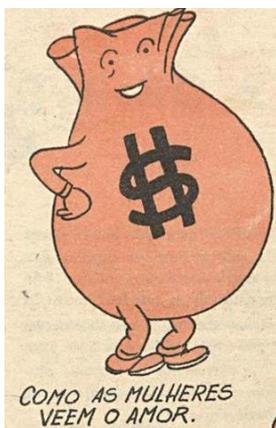
Imagem 1: -Lembra-te que não serias hoje o meu esposo, se meu pobre Anacleto não tivesse morrido afogado no Leme. -O', como é cruel o mar! Fez duas victimas de um golpe só!



Fonte: *Fon-Fon*. Anno III, n. 20, 15 de maio de 1909.

Notamos que o homem era retratado como prejudicado pelo casamento. A imagem mostra uma cena de insatisfação, tristeza, aborrecimento e até arrependimento do marido com a esposa, que antes era viúva e que teria feito mais uma “vítima” no seu segundo casamento. No caso das mulheres, a representação era outra. As charges trabalhavam constantemente com a ideia de que todas eram interesseiras e que só pensavam no casamento devido ao dinheiro do pretendente ou a sua influência social, como é destacado abaixo na revista *O Malho* de fevereiro de 1946:

Imagem 2: Como as mulheres veem o amor.



Fonte: *O Malho*. Anno XLIV, n. 73, fevereiro de 1946.

Portanto, ao mesmo tempo em que estas revistas incentivavam o casamento, também retratavam visões distintas sobre o que possivelmente homens e mulheres pensavam ou deveriam pensar sobre o assunto. O objetivo era fortalecer a ideia da necessidade do casamento, sua durabilidade e felicidade. Desta forma, como afirma Mary Del Priore: “Criaturas opostas, homens e mulheres deveriam se unir por uma razão: construir família” (DEL PRIORE, 2013, p. 62). Neste contexto, iniciava-se a discussão de propostas para a reformulação ou renovação do casamento. Como afirma Susan K. Besse:

O empenho em reformar o casamento sofria uma dupla pressão. Em primeiro lugar, devido ao descontentamento das mulheres, as relações marido-esposa tinham que ser modernizadas, adquirindo pelo menos uma aparência superficial de igualdade e reciprocidade. Em segundo lugar, os reformadores procuravam tornar o casamento mais “higiénico”, mais racional e, portanto, mais funcional na produção de cidadãos bem socializados e competentes, cujo comportamento promoveria a civilização e o progresso (BESSE, 199, p. 65).

Os reformadores decidiram divulgar quais mudanças seriam necessárias para a manutenção do casamento. O papel da imprensa seria informar sobre essas novidades. Para isto, novas colunas e textos com dicas de como manter um casamento harmonioso e saudável começaram a surgir com maior frequência. Desta vez, não apenas para as leitoras, mas também para o público leitor masculino. Abaixo observamos um exemplo em um texto na revista *O Malho*, de maio de 1947:

O homem que quiser conquistar o amor de sua mulher e conservá-lo, a despeito dos hábitos de “flirt”, dos chás, das reuniões elegantes, deve, distinguí-la com pequenas cortesias já em desuso e que, feitas com oportunidade mas discretamente impressionam profundamente. (...) Nunca a interromper e nem lhe pedir silêncio sob pretexto algum. Conservar os galanteios do noivado (flores e bombons) espaçados e oportunos. (...) Com essas pequenas coisas é muito fácil fazer uma esposa feliz. Quanto a expansões e carinho, não esquecer que as mulheres são essencialmente variáveis. Há dias em que aceitam e até apreciam qualquer dose de carícias, mas há dias em que elas não estão para isso... Nesses dias ter a paciência de deixá-las em paz e não se mostrar aborrecido ou irritado por isso. Quem quiser ser feliz siga estes conselhos²

O texto apresenta dicas de como conquistar e conservar o casamento e a felicidade conjugal no cotidiano, a partir do esforço do homem em agradar a mulher. Este tipo de conselho era dado frequentemente às mulheres. Nessa nova perspectiva, conselhos baseados no amor, no consenso e na intimidade, começavam a ser direcionados aos homens. Estes eram encarados como as únicas bases possíveis para garantir a estabilidade na modernidade. Segundo Mary Del Priore, uma segunda onda de sexologistas nos anos de 1940, “(...) proclamavam os aspectos positivos do sexo dentro do casamento. Para eles o sexo não era visto apenas como instinto de reprodução, mas como reflexo do sentimento entre esposos” (DEL PRIORE, 2011, p. 122). Ou seja, a demonstração de afeto do marido pela sua esposa era um reflexo das discussões que circulavam no período como uma nova maneira de se relacionar dentro do casamento.

A imprensa passa a valorizar estas ações como uma forma de estabelecer que a afetividade tinha a ver com sucesso e felicidade no casamento. Percebemos nas fontes que as modificações aconteciam de forma controlada e as manifestações de afetividade deveriam acontecer sem “exageros”, para o homem não parecer “afeminado”, pois as emoções estariam ligadas ao feminino. Desta forma, a imprensa trabalhava com contradições, divulgando ao mesmo tempo um lado “novo” do homem, mais carinhoso e atento a sua

² “Para alcançar a felicidade conjugal”. *O Malho*. Anno XLV, n. 88, maio de 1947.

esposa, mas continuava com charges e escritos menosprezando as mulheres, apresentando-as como inferiores e exaltando a força e a superioridade masculinas.

A vida conjugal ganhava novo sentido para homens e mulheres. Além das mudanças nas relações conjugais, a ciência passou a ser utilizada como uma fonte de convencimento na comprovação de que o casamento seria de extrema importância, não apenas para a sobrevivência da espécie humana, mas também para o bem estar individual. Portanto, além do Estado e da Igreja, o casamento teria agora, também a supervisão da medicina. De acordo com Rachel Soihet:

A higienização da família com vistas ao estabelecimento da saúde física e psíquica, garantindo uma prole saudável e uma futura classe dirigente sólida e respeitosa das leis e dos costumes, das regras e das convenções, é o objetivo. Mas tais propostas não representam um abrandamento na divisão de esferas, como se reafirma nesse discurso: o homem na órbita pública e a mulher na esfera privada (SOIHET, 2013, p. 32).

Ou seja, a proposta era destacar que as famílias modernas precisavam ser higiênicas e sem modificar a ordem dos gêneros. Mas, acreditamos que mesmo não tendo a intenção, a ideia de renovar ou reformar o casamento automaticamente redefiniu as relações de gênero. A comunidade médica observou a necessidade de tratar possíveis problemas da sexualidade que afetavam a vida conjugal. Desta forma, o papel da imprensa era informar e colaborar para que estes discursos fossem amplamente divulgados e aceitos. A partir deste momento, vemos o aumento das propagandas de produtos relacionados aos cuidados com os corpos, principalmente o feminino, o que pode ser observado em dois exemplos abaixo da revista Fon-Fon:

Imagem 3: Metrolina. Antisséptico, adstringente, bactericida. O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua Higiene Intima.



Fonte: *Fon-Fon*. Anno XLII, n.2.160, 28 de agosto de 194

Imagem 4: Corpo Esbelto e Faceiro!... Vinho Chico Mineiro. Não! Não faça regime para emagrecer, toma de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro e seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável á mulher moderna. À venda nas boas Farmácias.



Fonte: *Fon-Fon*. Anno XLII, n.2.152, 3 de julho de 1948.

As propagandas acima demonstram preocupação com a saúde e o corpo da mulher. Na imagem 3, vemos uma propaganda de higiene feminina. Eram várias as marcas de sabonetes íntimos divulgados nas três revistas aqui analisadas, e não somente na *Fon-Fon*. A segunda propaganda era direcionada ao objetivo de alcançar um corpo magro, amplamente divulgado como saudável e belo. A beleza continuava sendo uma busca constante das mulheres. Afinal, era necessário se manter atraente para conquistar um bom marido e manter o casamento. Eram poucas as propagandas sobre beleza masculina. As destinadas aos homens, quando apareciam, eram relacionadas à sexualidade e à virilidade, como podemos observar abaixo na *Careta* de 11 de janeiro de 1936:

Lastimavelmente, a porcentagem de homens fortes diminui continuamente. A sífilis, o álcool, o fumo, os entorpecentes, as deficiências alimentares, tudo isso enfim, estiola as forças humanas, diminuindo assustadoramente o número dos fortes. A medicina entretanto evolui sempre, por isso, compreendendo a

situação angustiosa de milhões de envelhecidos precocemente, conseguiu descobrir o preparado opoterapico “PEROLAS TITUS”, que por ser de base hormonal e de extratos glandulares, reaviva as funções das glândulas endócrinas, adormecidas ou perturbadas, facilitando assim um revigoramento de todo o organismo. É o único reconstituente de efeitos permanentes sobre o physico em geral e as funções sexuais em particular³.

A propaganda enfatiza que os hábitos não saudáveis dos homens geravam consequências como a fraqueza e as doenças que afetavam sua virilidade – principal foco do produto anunciado. Até então, não havia nas revistas ilustradas informações sobre sexo, algo que se aprendia durante a vida na sua individualidade. Para a maioria das mulheres, uma vida de silêncio e culpa. Segundo Mary Del Priore, foi a partir do ano de 1930 que se iniciaram os primeiros trabalhos sobre o tema. Afinal:

(...) essa é a época de ouro dos higienistas, os especialistas em sanitarismo. A conscientização sobre a necessidade de educação sexual entre os jovens. Como funcionariam os casamentos de forma saudável se as jovens continuassem educadas “para nada saber” e os rapazes indo ao bordel? Resposta: explicando tudo direitinho, mas treinando a castidade (DEL PRIORE, 2011, 126).

Mas, a maneira como as informações sobre sexualidade chegavam até os jovens, era diferenciada por gênero. A preservação da castidade, como enfatiza Del Priore, era direcionada à mulher juntamente com informações sobre a maternidade. Isto pode ser percebido em propaganda do livro intitulado *Biologia da mulher* na revista *Fon-Fon* do dia 27 de janeiro de 1940. Nela consta a apresentação dos capítulos do livro do médico Dr. F. Haro sobre a sexualidade feminina. Logo no início da propaganda vemos com letras destacadas a chamada para as mães darem o livro para suas filhas. Ou seja, as orientações médicas responsabilizavam as mães por fornecerem a educação sexual para suas filhas. Assim, cada vez mais as mães acumulavam obrigações e funções dentro da nova família moderna e higiênica. Nos capítulos expostos na propaganda, notamos que não se tratava somente do corpo e da sexualidade da mulher, mas também da moral cristã destacada na sinopse dos capítulos do livro: “Capítulo III - O casamento, com temas que envolvem o espírito de sacrifício e intimidade espiritual. Também na orientação de quando ter o primeiro filho”⁴.

O objetivo, portanto, não era a informação, para trazer conhecimento e liberdade sexual feminina. A mulher só poderia se relacionar sexualmente dentro do casamento com o objetivo de ser mãe e, mesmo assim, tinha que seguir as regras da moral cristã que limitava as informações sobre a sexualidade feminina. Ou seja, o conhecimento era limitado. Ainda

³ “A victoria é dos fortes”. *Careta*. Anno XXIX, n.1438, 11 de janeiro de 1936.

⁴ *Fon-Fon*. Anno XXXIV, n. 4, 27 de janeiro de 1940.

segundo Mary Del Priore, estas informações eram divulgadas com o intuito de combater o aborto, manter em vigilância a virgindade feminina até o dia do casamento e tentar minimizar os erros cometidos nos atos sexuais que causavam dor ou incômodo nas mulheres (DEL PRIORE, 2011, p. 126). Desta forma, os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres continuariam sendo controlados pelo poder das instituições patriarcais.

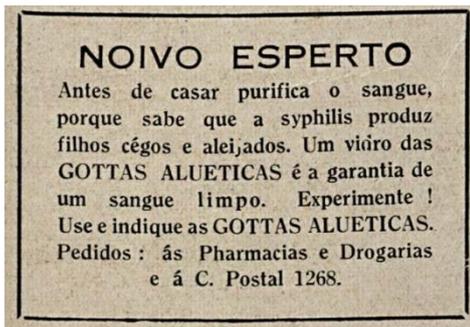
Para os homens, as informações sobre sexo eram mais detalhadas e o foco dos livros era a orientação de como se prevenir das doenças venéreas, principalmente porque os exames pré-nupciais começavam a ser frequentemente cobrados pela família da noiva como garantia de um casamento e filhos saudáveis. Como podemos observar na revista *O Malho* de 29 de outubro de 1932:

Em presença de um noivo portador de moléstias contagiosas, ao medico deve ser dispensado o segredo profissional e o mesmo ser obrigado a informar á família da noiva dos males que acarretaria tal união. Sejam os em prol do exame pré-nupcial. Paes, irmãos: eu vos peço que me auxiliéis nesta campanha sacrossanta, não deixando que vossas filhas e irmãs se casem sem a presença do exame pré-nupcial satisfatório⁵.

A orientação médica era para que os homens da família da noiva interferissem incentivando o pedido de exames do noivo antes do casamento. Era naturalizada na cultura patriarcal a liberdade sexual masculina. Este exame não era pedido para as noivas, a orientação era manter a castidade, algo imprescindível dado como tão certo que não era questionado com um pedido de exame, pois poderia ser considerado um insulto. Assim, a fiscalização ao noivo acontecia na tentativa de proteger as noivas de possíveis doenças sexualmente transmissíveis antes do casamento. Neste período, era de grande importância o controle dessas doenças que interferiam na formação da família, pois, segundo a medicina da época, elas eram “inimigas da maternidade”. Mais uma vez, a preocupação não era com a mulher, mas sim com a reprodução de crianças saudáveis. Tratava-se de uma forma de controle sobre os corpos femininos. Em uma propaganda na revista *Careta* do dia 14 de março de 1936, isto pode ser percebido:

Imagem 4: Noivo Esperto - Antes de casar purifica o sangue, porque sabe que syphilis produz filhos cegos e aleijados. Um vidro das GOTTAS ALUETICAS é a garantia de um sangue limpo. Experimente! Use e indique as GOTTAS ALUETICAS. Pedidos: ás Pharmacias e Drogarias e á C. Postal 1268.

⁵ “O primeiro socorro e o exame pre-nupcial”. *O Malho*. Anno XXXI, n. 1558, 29 de outubro de 1932.



Fonte: Careta. Anno XXIX, n. 1447, 14 de março de 1936.

Ou seja, o “noivo esperto”, é aquele que tem sua vida sexual ativa e livre, mas engana a noiva e seus familiares, tomando um remédio na tentativa de purificar o sangue na hora do exame pré-nupcial. É possível notar que a preocupação maior era com a possibilidade de filhos doentes. Desta forma, entendemos que combater a sífilis era uma forma de também proteger a maternidade, ou seja, a procriação. Nas propagandas analisadas sobre o assunto nas revistas, não encontramos nenhuma nota de preocupação com as mulheres que seriam infectadas, ou seja, a importância era a realização do casamento e não o bem estar da mulher. Assim, as mulheres foram formadas nessa cultura na qual não poderiam dispor livremente de sua sexualidade. Segundo Rachel Soihet, a mulher enquanto solteira deveria se manter virgem e quando casada fiel ao seu marido, o que “era sinônimo de honra feminina, a qual se estendia a toda a família, constituindo-se num conceito sexualmente localizado” (SOIHET, 2013, p. 174).

Considerações Finais

Desta forma, o projeto de casamento higiênico estaria bem encaminhado. Homens e mulheres seriam orientados pela ciência que tentava controlar as mudanças que ocorriam nas relações de gênero. Os homens eram estimulados ao livre exercício da sexualidade, símbolo de masculinidade e virilidade. Enquanto as mulheres que tinham tal atitude eram condenadas, tendo que reprimir seus desejos e vontades. Afinal, a pureza e a maternidade eram papéis fundamentais para as mulheres que tinham como referência a imagem da Virgem Maria para seguir. Neste contexto, a ideia de pureza articulava-se à preocupação em produzir “bons filhos”. Como afirma Jeni Vatsman:

Dentro destes limites, a individualidade feminina e masculina só podem se expressar legitimamente como manifestações da dicotomia público/privado-dilema que já se instaura com a relação que institui a família conjugal moderna, o casamento moderno, resultado de uma escolha pessoal, mas igualmente

constrangida pelos papéis que definem os contornos da individualidade de cada um (VATSMAN, 1994, p. 33).

Estas eram as características da família moderna e patriarcal. Mas, sabemos que nem todas as mulheres concordavam e seguiam estas orientações. Algumas agiram de forma diferente questionando os padrões. Mulheres que desejavam se separar ou não queriam se casar e que enfrentavam a reprovação social. Pensando no Brasil atual do início do século XX, o conservadorismo no país segue forte politicamente com apoio da Igreja Católica e, no cenário atual, também de protestantes neopentecostais. Se mantém os discursos patriarcais sobre a mulher e este é um dos fatores que dificultam a transformação no olhar sobre a condição feminina e o alcance de direitos, impedindo avanços importantes e, muitas vezes, levando a um retrocesso histórico. Podemos citar o conservadorismo com relação aos direitos reprodutivos femininos noticiado pela Folha de São Paulo no dia 3 de agosto de 2021, no qual evidencia que planos de saúde estavam exigido a autorização dos maridos para o procedimento de inserção de DIU (dispositivo uterino):

Sem se identificar a Folha entrou em contato por telefone com três cooperativas da seguradora para confirmar a informação, que consta nos Termos de Consentimento para inserção do contraceptivo. A informação de que não era possível realizar o procedimento sem o consentimento do cônjuge foi confirmada pela central de atendimento ao cliente das três unidades⁶.

Esta notícia mostra que, mesmo conquistando direitos, as mulheres ainda sofrem com a mentalidade patriarcal da sociedade que as entende como propriedades dos homens, agravando ainda mais a situação daquelas que vivem em situação de violência. Contudo, acreditamos que o movimento feminista, como afirma Mirla Cisne e Maria Lúcia Duriguetto, “continuará promovendo confrontos aos conservadorismos patriarcais e racistas que estão presentes nas famílias, igrejas, escolas e na estrutura burocrática do Estado” (DORIGUETTO; CISNE, 2015, p. 20).

Referências bibliográficas

BESSE, Susan K. Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1919-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

DEL PRIORE, Mary. Histórias Intimas: Sexualidade e erotismo do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

⁶ “Seguros de saúde exigem consentimento do marido para inserção do DIU em mulheres casadas”. Site Folha de São Paulo, 3 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/08/seguros-de-saude-exigem-consentimento-do-marido-para-insercao-do-diu-em-mulheres-casadas.shtml>

_____. Histórias e conversas de mulher. São Paulo: Planeta, 2013.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; CISNE, Mirla. “Feminismo e radicalização da democracia: desafios em tempos de recrudescimento do conservadorismo no Brasil”. *SER Social*, v. 17, n. 36, 2015.

PERROT, Michele. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

SOIHET, Raquel. *Feminismos e antifeminismos. Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.